

RELIGIÃO E PÁTRIA.

PERIODICO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

NUMERO 18

QUINTA FEIRA 26 DE FEVEREIRO DE 1863

1.ª SERIE

GUIMARÃES 25 DE FEVEREIRO.

Diziam ha tempos, algumas folhas de Lisboa, que tomava alli o mais amplo desenvolvimento, a propaganda protestante, não só com a profusa distribuição de Biblias accommodadas ao seu modo de considerar a Religião catholica, mas tambem por meio de livros compostos no sentido d'esta propaganda, que em lindas edições se espalham pelas diversas classes da sociedade, especialmente pela infancia.

Isto é claro como a luz do dia.

A infancia! é principalmente a infancia que a peste revolucionaria deseja perverter; é na geração nascem e que ella pretende preparar as gerações futuras: é, para assim dizer, envenenando-lhe o leite e corrompendo-lhe o sangue que a revolução pretende fazer circular o atheismo em todas as veias da sociedade actual e transmitti-lo ás sociedades vindouras, como uma herança de maldição e de ignominia.

Porque, notem-o bem, não é só de protestantismo que se tracta; não é de chamar proselytos para uma seita que apesar de muito absurda pretende, não obstante, conservar uns visos de christianismo — do que se tracta é da negação absoluta de toda a Religião e de todo o dogma, é da independencia absoluta da razão humana sobre as ritinas de toda a revelação, de todo o sobrenaturalismo, de toda a razão divina — do que se tracta é de acabar com a Religião de nossos antepassados; de romper todos os vinculos que nos prendem a Deus, de despenhar-nos, de despenhar o homem no abysmo de si mesmo, e talvez em mais profundo abysmo do que aquelle d'onde o Christianismo o havia levantado. Que não haja mais um culto, uma crença, uma esperança, um só pensamento para Deus! Em vez de tudo isso, a idolatria da carne, o egoismo, o scepticismo, a philosophia, o progresso indefinido, a licença, a anarchia, a destruição de todos os principios de ordem intellectual, moral, social e religiosa — tal é o fim da revolução, seja qualquer que for o aspecto e o modo com que ella se apresente.

Que venha em biblias ou em folhetos protestantes para seduzir e perverter a infancia; que venha em decretos ou em propostas do governo para excluir o clero do ensino ou para desamortisar os bens da Igreja; que venha em discursos parlamentares que zombam das ordens religiosas, que zombam da caridade, da santidade e do proprio Deus; que venha nos livros da Eugenio Sue, de Pouchon, de Aimé Martin, ou de Victor Hugo; que venha nos jornaes que insultam o Papa e que deixariam de ser catholicos (se alguma vez o houvessem sido) para serem liberaes; que venha nas declamações de um grande numero de doutores do progresso que querem dar ao mundo e á consciencia novas leis e que julgam não saber nada se não sabem dar por mal feito o que Deus fez; que venha principalmente na malicia d'aquelles que separam a politica da Religião, exagerando as vantagens d'aquella, e proscrivendo esta, com muitissimo cuidado, de suas theorias humanitarias, como cousa inutil para o aperfeiçoamento das sociedades modernas e apenas digna de respeitar-se como uma decrepita inclinada para o tumulo; que venha onde vier e como vier — é sempre a revolução com os mesmos fins e com as mesmas propensões:

Nada de Roma sob o dominio dos padres, nada de Pontífice, nada de clero catholico, nada de congregações religiosas, nada de Igreja, nada de J. C. nada de influencia sobrenatural na humanidade, nada de Providencia. — O atheismo por toda a parte, na politica, nas leis, nos costumes e na educação.

A propaganda protestante de que fallaram os jornaes de Lisboa é, pois, um meio, habilmente empregado, para ir dispondo a infancia nas fileiras da revolução, é um passo no caminho do atheismo. — Primeiro, biblias viciadas e bonitas edições de livros contendo blasfemias horribes e impiedades taes como estas de que nos avisa a «R. de Setembro!» A condemnação dos dogmas, a inefficacia do baptismo para a remissão do peccado original, o desprezo pelas imagens, a negação de que a missa seja um sacrificio e a descrença dos cinco sacramentos além do baptismo e da Eucharistia etc.; e estes livros e outros de igual valor, distribuidos aos mil, pelos collegios, introduzidos por debaixo das portas, e dados a todas as creanças, que se encontram; depois o tempo, as paixões e o descuido ou a complicitade dos paes e dos mestres incumbem-se do mais. E não haja dúvida; que bem depressa veremos creada com tão promettedora educação, uma sociedade de atheus, de sclerados e de revolucionarios, se é possível viver sociedade com tal gente.

E viva o liberalismo e a tolerancia, que insulta e expulsa as irmãs da caridade para alargar terreno á propaganda infernal da revolução e para dar um golpe decisivo e mortal na Igreja luzitana!

Deus se amerce de nós e aparte para longe d'esta formosa terra de Portugal, que sob a protecção da cruz viveu gloriosa por seculos de heroismos, a onda revolucionaria que derubou a cruz para só deixar após de si abysmos, rúbas, desolação e crimes.

No entanto olhem por seus filhos os paes que ainda conservam acceza uma sentilha de fé e que ainda não renegaram de seu baptismo! e principalmente as mães que se respeitam e que conhecem o seu valor de christãs, e a cujos desvelos, a cuja dulcissima palavra e carinhoso ensino confiara Deus a infancia.

HOMENAGEM A VERDADE E A JUSTIÇA.

Quando vimos alguns jornaes do paiz deprimirem o credito oratorio do illustre prelado, da igreja portuense, que ergueu sua voz nobre e convicta pela sagrada causa da Igreja, para logo nos convencemos do quanto valia esta voz, e de quanto havia a esperar d'ella.

O mesmo não diríamos nós, se por ventura aquelles jornaes se calassem, e peor ainda, se lhe liberalissem encomios, como é d'uso fazer-se aquelles que erguem a sua voz, não para valer, mas para destruir e arruinar.

Felizmente não nos enganamos, e no excellentissimo artigo, que com a devida venia passamos a transcrever da «Nação» verão os nossos leitores a prova do que deixamos dito.

«O sr. Bispo do Porto levantou, sabbado, a sua voz na camara dos Pares em defesa dos direitos da Igreja».

Julgou-se estranha a doutrina; — tão acostumado, tão soito, e tão sem resistencia ahi anda o poder temporal em suas invasões!

Combateu, principalmente, aquelle illustre Prelado o decreto dos concursos, por sua ingerencia usurpadora na jurisdicção ecclesiastica, e declarou que, da sua parte, se recusava a dar-lhe execução, por ser obrigado em consciencia a obedecer primeiro a Deus do que aos homens.

Pareciam isto blasfemias, n'aquella casa!

Mas s. ex.* fez ver que mesmo a lei civil, que ha-

via jurado, o compellia a sustentar as prescripções canonicas.

Citou o artigo da Carta que declara Religião do Estado a Religião Catholica Apostolica Romana, e demonstrou que os outros artigos e as outras leis se haviam de interpretar de modo que não collidiam com aquella disposição fundamental.

Tudo o que se legislar em contradição das leis da Igreja, tudo o que infringir as doutrinas catholicas, é illegitimo, e nullo. As determinações do poder civil não-de ser conformes com a Religião que elle mesmo declarou ser a Religião do Estado; se lhe forem contrarias, a obrigação é não as cumprir, porque outro dever mais alto o prohihe.

Foi esta a opinião exposta singelamente pelo venerando Bispo, com o tom da convicção profunda, e com a coragem de quem a tudo está disposto para se desempenhar de suas obrigações.

Causou espanto; e a estas idéas tão simplicas, tão verdadeiras para todo o catholico, chamou-se-lhes ultramontanismo.

Chamem-lhes o que quizerem, mas a verdade é aquella; e o que ha a lamentar é que vivamos em tempos em que ellas se ouçam como coisa nova, e que tão raras tenham apparecido nas assembleas de uma nação que se intitula fidelissima.

Não é s. ex.* um orador de parlamento. Falta-lhe a pratica. Pouco admira, portanto, que não se mostrasse perito nas formas d'aquelles debates. Mas o caracter virtuoso do Prelado, a persuasão sincera com que fallava e a verdade do que expunha, suppram bem todos os dotes oratorios no animo dos que presam as coisas antes pelo peso do que pelo feito.

A verdade é por si mesma bastante eloquentissima e só os que perguntam pelas datas aos principios e que podem recusar-lhes assentimento e applauso quando os ouvem apresentados em sua nativa simplicidade.

Hiram-se alguns lá; outros vieram para a imprensa, como o *Portuguez*, cobrir de improperios o respeitavel Bispo. Nem o riso nem as injurias conseguiram decerto levantar-se d'onde nasceram. Não poderão subir até a região elevada e serena em que vive o distincto Prelado com a convicção da sua força superior, e com a força superior da sua convicção.

O sr. Bispo do Porto não fallou alli para produzir effeitos scenicos; fallou em desempenho de sua missão sagrada; fallou para ser ouvido pelo paiz, que lhe hade tomar e agradecer o bom pasto do espirito, sem lhe fazer exigencias rhetoricas; fallou como fallavam os apóstolos, com a voz de dentro, com a verdade despedida, com que soberam conquistar o mundo.

Felicitemo-lhe pelo nobre exemplo que deu; felicitamos Portugal por já se ouvir a voz de um Bispo a por alguma luz, alguma pharol no meio das trevas da tempestade.

Era tempo. As usurpações civis ameaçavam absorver tudo, sem se ouvir nem se fazer um protesto.

Ha trinta annos quasi que se hila entre nós por converter a Igreja em escrava. Todos os dias se lhe tem cercado um direito, disputado uma influencia, negado uma liberdade, invadido um dominio. Foi-se fazendo como no tempo de Henrique VIII de Inglaterra. Não se tocou apparentemente nas ceremonias, no rito, no que podia ferir os olhos do povo. Tratou-se de diminuir a unidade; tratou-se de ir creando uma especie de Igreja nacional, substituindo o poder do Estado ao poder de Roma, isto é ao poder espiritual.

E tudo se fazia em silencio!

Ao menos agora levantou-se já um grande brado.

saiu de labios competentes uma grande voz; ergueuse o sr. Bispo do Porto, e no meio da admiração dos regalistas protestou pelos direitos da Sancta Egreja. Louvemos a Deus. Aquella voz não hade ficar perdida.

Outras e outras se lhe seguirão talvez, e a torrente do erro achará diante de si um dique poderoso, que afaste do temeroso abysmo esta boa e catholica terra de nossos paes.

O *Vimaranense* empunhou, no seu numero de terça feira a tarasca da defeza do celebre relatorio do sr. ministro do reino sobre os acontecimentos de Braga no ultimo setembro, e com ar jactancioso e em tom de pedagogo inculca que vem dar uma lição de mestre a novica *Religião e Patria*, que ousou, serodiamente, fazer algumas considerações sobre aquelle famoso documento.

O — *risum teneatis* — viria aqui muito a proposito, se, em homenagem á verdade, não fossemos obrigados a confessar que aquella lição nos veio illuminar esplendidamente as trevas da nossa mesquinha intelligencia.

Agora, sim; agora ficamos sabendo, que é inepticia dizer, que o governo abusou da palavra real que tinha prometido clemencia, embora elle, á sombra d'ella, decretasse prisões e exilios.

Agora aprendemos, que é insolencia e mais do que isso chamar ao governo sanguinario e feroz, embora elle, sem previa sentença condemnatoria mandasse de castigo para os inhospitos climas da Africa os pobres soldados de caçadores, e embora tenha ainda degredados no forte da Graça, em Elvas, os infelizes sargentos do 6 de infantaria, que lutam com a fome e com a miseria, sem terem recebido 5 reis dos seus vencimentos, porque o sr. pagador lhes não faz abono algum, em quanto da repartição de contabilidade do ministerio da Guerra não lhe vier ordem. (*)

Agora aprendemos mais.

A lição do *Vimaranense* veio espalhar a mais fulgorosa irradiação no cahos de confusões tenebrosas em que nós, e o paiz commosco, nos achavamos mergulhados, e a verdade, á cata da qual andavamos, surgiu radiante do meio d'essa cahotica confusão.

Nós agradecemos: o paiz deve fazer o mesmo.

Mas agora duas palavras a serio: Se o articulista se persuade que nós sympathisamos com a revolta de Braga, engana-se.

Nós tambem não queremos, como o paiz não quer, que a força de direito esteja no direito da força. Humna revolução, seja ella de que natureza for, hade ser sempre por nós stigmatizada e reprovada, porque a julgamos a enthronisação da desordem como principio e elemento de ordem, o que é absurdo.

Condemnamos pois, como o collega condemna, e como todo o paiz tem condemnado, a revolta militar de Braga, e deploramos sinceramente os desgraçados excessos que por essa occasião se praticaram.

Mas o que tambem não pedimos deixar de condemnar, e o que ainda mais sinceramente lamentamos, é que o governo, que devia ser o primeiro a observar a lei, e a guardar os preceitos do decoro e da honestidade sem se deixar dominar pelas paixões e ohsiosidades politicas, se manifestasse então em revolução permanente contra as prescripções d'essa lei, commettendo toda a casta de tropelias inconstitucionaes, como exuberantemente foi demonstrado pelo sr. Fontes, e por todos os oradores da opposição, que se lhe seguiram.

Foram estas ideias que nos inspiraram as considerações que fizemos sobre o celebre relatorio em questão, e não vimos em que a tal lição de mestre do *Vimaranense* viesse demonstrar o contrario d'ellas.

Infelizmente ainda não aprendemos nada! Veja o articulista se nos pode, n'outra preleção, esclarecer melhor, porque nós desejamos obter n'esta questão a maior luz possivel.

(*) Voz do Alemtejo n.º 211

DO «VIMARANENSE».

«Ella (a reacção) foi o agente unico de todos os vandalismos que ha pouco sobresaltaram o paiz e ain-

da a motora das desordens e tumultos que em Setembro ultimo tiveram logar em Braga. Tenta contra as instituições e contra o throno e o seu credo é assim:

ESTATUTOS DA O. DE S. M. DA A.

.....

Artigo 2.º
 « Tem por fim a O. »
 « 1.º Defender a religião catholica apostolica e romana. »
 « 2.º Restaurar a legitimidade portugueza. »
 « Artigo 5.º »
 « Todos os membros devem á ordem..... »

.....

« 2.º Obediencia absoluta. »
 « Iniciação. »
 « Juramento. »
 « Eu F; de minha muito livre vontade, na presença do Omnipotente, cujo santo Nome invoco, na de meu amigo e Padrinho T. (nome de seculo) e na dos membros da O. de S. M. aqui presentes, juro defender a religião catholica, apostolica romana, trabalhar quanto em mim for possível, e segundo as ordens, que receber, na restauração da legitimidade portugueza tal qual nossas leis estabelecem, na applicação a cousas e pessoas, promovendo o restabelecimento do legitimo Rei o Senhor D. Miguel 1.º »

« JURO OBEDECER AO QUE, CONFORME ESTES FINS, ME FOR ORDENADO..... »

Ficamos sabendo que o sr. Passos, o sr. Macedo, e todos os liberaes que tomaram parte na revolta de Braga queriam promover o restabelecimento do legitimo rei o Sr. D. Miguel I.

Depois d'isto não se escreve mais nada. — Quem se quizer enganar — engane-se.

isto? foi a sr.ª Romarilha, creada grave do sr. reitor do Creixomil que intercedeu por esse penitente (publico e escandaloso) dando-lhe dor, contrição, e tudo que é necessario a um penitente, para receber o mais augusto dos sacramentos!...

E o poder das chaves na mão da creada... Ou não sabemos o que é peccador escandaloso, ou a ninguém deve adaptar-se tão lisongeiro predicado, senão ao parochio em questão.

O parochio que expulsa de sua casa aquella que lhe deu o ser, aquella que ainda no berço lhe chamava seu anjo de esperanza, seu amparo na velhice, para mais descansado abraçar aquella a quem nada deve e que todos dizem sua amasia, é apto para tudo...

(Continua)

Joaquim Mendes da Silva Guimarães

(Segue-se o reconhecimento).

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. DEPUTADO PINTO COELHO, NA DISCUSSÃO DO PROJECTO DE LEI DE REFORMA DO ENSINO, NAS SESSÕES DA CAMARA DOS DEPUTADOS DE 14, 16 E 17 DE MAIO DE 1862.

Sessão de 14 de Maio

(Continuação).

O sr. ministro da marinha — conjunctamente. O Orador — Ainda mais — disse v. ex.ª; invozou o testemunho de 300 pessoas, que lh'o ouviram tão claramente como eu.

Se v. ex.ª tem coragem para dizer palavras semelhantes, tenha coragem para as sustentar (apoiados). Ainda mais a liberdade, foi o que todos ouviram.

Eu ponho a questão religiosa sempre acima da questão politica...

O sr. ministro da marinha — O illustre deputado dá-me licença?

O Orador — Sim Senhor.

O sr. ministro da marinha — Eu protesto solememente perante esta camara toda, e perante o paiz, contra a interpretação atroz, que o illustre deputado dá as minhas palavras.

O Orador — Se ha interpretação, e ella é má tem direito de a rectificar.

O sr. ministro da marinha — Quería dizer — ainda conjunctamente: não queria dizer que amava a liberdade mais do que a Religião.

Dada esta explicação o illustre deputado pode continuar.

O Orador — Estimo e acceito a rectificação; mas sinto que seja preciso fazer-as do banco dos ministros, onde as palavras deviam ser, mormente em questões d'esta ordem, tão pensadas, e tão pesadas que não carecessem de rectificações.

Admitti o illustre ministro a explicar-se porque eu, reaccionario, e partidario devidido das ideias antigas, não professo a liberdade do sr. José Estevão que a uma interrupção, que lhe dirigi, com toda a delicadeza, me respondeu, com o entono de tribuno descabellado sente-se — sente-se, que lh'o mando eu: não lhe consinto senão que me oiça, e que m'escute.

Os liberaes da minoria da commissão são assim. Liberdade por fóra: despotismo por dentro.

Quando o illustre deputado antes de lançar a mão ao poder nos quer fazer já emmudecer; quando ainda a força publica não está á sua disposição, nos manda já calar, e nem consente sequer que expliquemos um facto que s. ex.ª interpretou mal; veja a camara e veja o paiz o que devemos esperar que faça o governo, se o voto de confiança passar — o governo, que tomou por conselheiro e defensor nato o illustre deputado!

N'esta discussão, como em todas, o illustre deputado tem interrompido todos os oradores, tem fallado sempre.

Commenta e auxilia com os seus ápartes os amigos; interrompe, e contradiz a cada passo os contrarios (apoiados).

E nós consentimos-lh'o: consentimos-lh'o todos; eu mesmo, apesar do exemplo que me deu e que eu não acceito se me elle interromper; se com delicadeza como eu o fiz, me pedir que lhe deixe explicar uma phrase ou um facto qualquer, hei de consentir-lh'o (apoiados.)

CORRESPONDENCIA.

(Continuação.)

Snr. Redactor

O sr. Roberto Gonçalves de Sá, desejando depressim o caracter de Manoel Mendes, de S.ª Lazaró, penetra sua vida íntima e fantasia alli factos, auxiliado pela calunnia, (sua arma favorita!) que só na cabeça d'um calumniador podiam ter principio!

Esses factos que ahi traz a lume o parochio de Creixomil, todos vertem contra si; já porque são falsos, sellados com o sinete do seu orgulho, rancor e furia; já porque são trazidos a lume por um homem, que o seu desejo, o seu fim, é desacreditar os outros, custe o que custar; já porque é um sacerdote, um cura d'almas, que deve ser entre os seus o typo de virtudes o modelo da mansidão, a imagem da caridade, e tanto basta.

E' inteiramente falso, Manoel Mendes ter a minima agencia sobre o desaparecimento d'esse rapaz, que o parochio de Creixomil ahi aponta; e a origem de desintelligencia, entre sua mãe e Manoel Mendes, tambem não foi essa que o parochio ahi aponta com tanta fanfarrice! E se, como elle diz, pode provar tudo o que allega em sua *cathequese*, apresente documentos autenticos, capazes de juizo, documentos que mostrem o que avança sobre este facto.

O homem que desenterra do mais profundo silencio um facto, decorridos mais de trinta annos, só com intuito de desacreditar outro, é perverso.

Se nós tivéssemos uma consciencia da loja do parochio de Creixomil, diríamos: ha por ahi *alguem* accusado pela opiniao publica, de propinador de veneno, arboricida, incendiario, ladrão, assassino etc. etc... e todavia, parece rehabilitado.

Nós, que não temos uma consciencia como a do parochio, nem queremos amargar, ou abreviar a vida d'esse homem, ficamos aqui.

Que apostolo! que evangelizador no meio d'um redanho! que pacificador de consciencias!

O parochio de Creixomil nega a sagrada communhão a um penitente, (que naturalmente diz escandaloso) não olhando ao maior escandalo, e dentro em pouco, passados poucos momentos, administra-lh'a; que é

O sr. José Estevão: — Se quer que faça isso já, faço tudo.

O Orador — Mas isso que elle faz, que nós todos lhe consentimos, entende elle que é direito só d'elle, porque a liberdade que hoje se apregoa é assim: *liberdade para nós; e liberdade para mais ninguém.*

Pois não ouviram ainda agora o decreto de Garibaldi? O illustre deputado se chegasse ao poder decretata como elle. (riso).

Chegou um momento em que o Papa, os cardeaes, os padres todos se lembraram de pensar de um modo diverso d'elle.

Decretou. Artigo unico. Ordenamos que o Papa, que os cardeaes e os sanfedistas mudem immediatamente de poiso e vão para longe da Italia (riso).

Os illustres deputados riem? Eu tambem me ri. Não me ri da questão em si, porque ella é a todos os respeito grande, immensa, importantissima.

Ri-me d'estes microscopicas estadistas que quando chegam a lançar a mão á vara do poder, se embriagam com elle até ao ponto d'imaginarem que a um só aceno d'elle tremerá o ceu, e a terra!

Ri-me d'esses andes da liberdade, que só a invocam para gimpolgar o mando; e que logo que o conquistam, deixam lêr ás claras no seu coração, que o que realmente tinham n'elle, era o despotismo feroz de Marat e de Robespierre.

Ri-me da fatuidade com que esse aventureiro se persuadia de que um decreto redigido em termos factos, e estylo baixo e ridiculo, era sufficiente para expulsar e abolir do solo da Italia a Religião Sancta e verdadeira e os seus ministros!!!!

Esse decreto inqualificavel resume as aspirações da revolução italiana sob o aspecto religioso.

De futuro — nenhuma Religião.

Por agora — abaixo o catholicismo.

Para o protestantismo — liberdade completa e protecção decidida. . . por agora, para que nos auxilie a derrubar o catholicismo!

Mais tarde nem mesmo o protestantismo!

E de facto, sr. presidente, ao passo que os ministros da Religião Sancta são atrocemente perseguidos n'esse chamado reino da Italia: são elogiados, protegidos, e auxiliados os exorços da propaganda protestante.

Ainda no anno passado Sir Culling-Eardley, presidente da sociedade protestante denominada *Alliança Evangelica* agradecia a Garibaldi os seus serviços, e lhe mandava de presente uma biblia-poliglota.

E esse caudilho respondeu-lhe, animando-o e exhortando-o, com a esperanza de resultado.

«A grande maioria do povo italiano (diz elle) não é protestante de nome, é-o com tudo de facto.

«Persuada-se v. que os italianos são muito menos papistas do que se imagina. . .

O povo da Italia está hoje desmentindo a asserção ousada por Garibaldi, como eu estou aqui desmentindo a asserção do relatorio do sr. Ferrer, acerca do povo fidelissimo de Portugal.

Mas, sr. presidente, é mister que comprehendamos todos; que toda a camara, que o paiz saiba todo, o que significa a revolução italiana sob o ponto de vista religioso; para que de uma vez por todas deixe de se invocar aqui como modello esse acontecimento lamentavel.

O poder temporal do Papa não é ponto de dogma. Ainda ha pouco o Summo Pontifice o declarou *urbi et orbi*.

Mas o catholicismo não comprehende só a parte dogmatica da Religião; comprehende tambem a parte disciplinar da Igreja.

E o poder temporal está declarado pela disciplina da Igreja, necessario á independencia e liberdade de acção do Summo Pontifice.

Nem a revolução ataca, senão com o fim por ella proprio declarado e manifestado de destruir, impossibilitar e abolir o poder espirital.

Desde Frederico o Grande, até Garibaldi, todos o tem confessado e declarado.

E é depois de confissões tão explicitas que se quer unir a politica de Portugal com a da Italia?

Não é estranho, nem me admira. O relatorio da minoria da commissão aconselha-nos já, que governemos a Igreja sem dependencia da curia Romana?

E esta independencia, se não é o protestantismo, será ainda peor do que elle. Será talvez o *indiferentismo*. . . o *athismo*.

Vozes: — Deu a hora.

O Orador: — Sr. presidente. A hora deu, e eu não posso deixar de reservar a palavra para a sessão seguinte.

Mas como não vejo presente o sr. presidente da commissão, e terei talvez de dirigir-lhe algumas observações importantes, peço aos srs. ministros presentes que o previnam.

Sinto que s. ex.^a não julgasse esta discussão sufficientemente importante, para vir tomar parte n'ella ou assistir pelo menos ás sessões com o resto do gabinete.

Mas se a materia que se discute o não moveu, queira Deus que o meu convite o acorde de seu teahar-go, e nos dê a todos a satisfação de aqui o vermos, cumprido para conosco um dever de delicadeza, e para com o paiz um dever constitucional da sua posição.

O sr. ministro da marinha — O governo está aqui: porventura não é elle solidario?

O Orador — Eu responderei amanhã, se tiver tempo, a essa observação de v. ex.^a, e lhe direi o que significa para mim a *solidariedade* do ministerio.

(O orador foi cumprimentado por muitos senhores deputados dos diversos lados da camara).

REVISTA DOS JORNAES.

EXTERIOR

ITALIA.

O Santo Padre assistiu á festa da Purificação de Nossa Senhora, celebrada na basilica do Vaticano, em Roma, na presença de grande numero de fiéis, e tambem de muitos inglezes protestantes, que se portaram com uma attitude respeitosa áquelle acto, digna de memoração, e de summo louvor.

O Santo Padre distribuia por suas proprias mãos os ctyfos aos prelados, diplomatas, generaes e officiaes, que ajoelhados ante Elle os recebiam.

A procissão feita em seguida á solemnidade foi imponente. O Summo Pontifice, conduzido no throno, protegido por um baldequino de tecido de ouro, sustentado por sacerdotes, avançava com uma titagstade incomparavel. Ia sentado, levando na mão coberta com uma tela de seda e ouro um grande cyrio accezo, apresentando d'este modo a mais bella figura de rei, no esplendor da santidade, que se possa imaginar.

A está solemnidade assistiram o duque de Saldanha embaixador de Portugal e o principe de Tour d'Auvergue embaixador de França: este trajava de grande uniforme, mas sem o cortejo de gala, porque ainda não apresentou as suas credenciaes; aquelle porém, que está alojado no Vaticano, foi conduzido n'um coche puchado por quatro cavallos, o que é contra o regulamento romano.

O thesouro pontificio emittiu bonds no valor de quatro milhões de escudos, sem curso forçado, com juro de cinco por cento ao anno, e amortizados ao par, dentro de quinze annos; por um sorteio que terá lugar to los os semestres. A maior parte d'estes bonds já haviam sido subscriptos por estrangeiros; entre estes se contam os imperadores dos francezes, por grandes sommas.

Noticias de Napoles annunciam que o marquez de Avitabile, director geral do banco, fôra preso quasi ás portas da cidade por um bando de Pilone, e resgatado no seguinte dia por cerca mil francos.

Na rua Ferrari, em Turin, principia-se a construcção de um novo templo para os israelitas.

Em Milão apprehenderam-se armamentos. Prepararam-se movimentos em Florençia. Nota-se que o partido da acção se agita; a politica porém não se mostra descuidada.

O Movimento de Genova annunciou uma reunião em favor da Polonia, e por isso foi prohibido. A policia fez uma visita domiciliaria em casa de Bertain amigo de Garibaldi aonde se devia verificar a reunião.

Crê-se que Garibaldi ficará por muito tempo côo do pé ferido.

FRANÇA

A resposta ao discurso imperial foi votada no corpo

legislativo por 241 votos contra 5 depois de acalorada discussão.

O Imperador, ao receber a deputação encarregada de lhe apresentar a resposta, felicitou-a pelo accordo que existe entre os poderes do estado, accrescentando que este accordo não pôde deixar de fortalecer a influencia da França no exterior ante as encontradas paixões que agitam o mundo.

Ha noticias de que a nunciatura em Pariz recebeu de Roma a approvação para o novo Arcebispo d'esta cidade, monsenhor Dorhey. A installação solemne d'este prelado havia de effectuar-se no domingo de Pascoa.

Grande numero de estudantes, em Pariz, percorreram no dia 12 de manhã o seu bairro dando vivas á Polonia.

Foram dispersados pela policia.

HESPAÑHA

Um conselho de ministros celebrado no dia 12 decidiu a dissolução das amatas hespanholas; o decreto da dissolução ainda não sahiu por em quanto á luz da publicidade.

As novas côrtes são convocadas para 15 de Maio.

AUSTRIA

O Imperador Francisco José resolveu que se realisasse em Viena uma exposição universal para 1865.

Corria em Viena o boato de que a dieta da Hungria seria convocada o anno de 1864.

POLONIA.

As noticias que ha a respeito da insurreição da Polonia são por enquanto graves. Segundo as noticias dadas pelos jornaes, a insurreição tomou o aspecto de uma guerra desastrosa. Os russos não poupam meios os mais rigorosos para a reprimir, havendo incendiado torres povoações até ao presente. É um systema muito querido dos russos.

As tropas russas marcham em grande numero para a Polonia, e ultimamente um grande exercito atravessou o territorio prussiano dirigindo-se para alli.

Ha um tratado entre a Prussia e a Russia para que o governo d'aquella potencia deixe passar pelo territorio prussiano quaesquer tropas russas armadas.

O Comité de Varsovia escreveu ao Gran-duque Constantino que se elle fuzilar os polacos prisioneiros usará do mesmo modo para com os seus soldados.

ATHENAS.

Houve uma insurreição. O ministerio dimittiuse.

REVISTA NOTICIOSA.

Baasar de prendas. — A commissão encarregada de promover o segundo baasar de prendas em beneficio do azylo de infancia desvalida, que se projecta crear n'esta cidade, continua activamente nos seus trabalhos.

Ultimamente foi nomeada uma commissão das principaes senhoras d'esta cidade, para coadjuvar com o seu valioso apoio e serviços a acquisição do maior numero de prendas possivel.

Esta commissão é composta das Ex.^{as} Srs.^{as} — Condessa de Villa Peuca, — Condessa de Basto, — Viscondessa de Pindella, — Viscondessa de Santa Luzia, — Baroneza de Pombal, — D. Maria da Conceição Vaz Napoles, — D. Roza Leocadia da Silva Peixoto, — D. Luiza Ludovina d'Araujo Martins, que do melhor grado, e com a melhor vontade se prestaram a empregar todo o seu valimento para que o baazar surta o desejado effeito.

O leilão hade ser feito no Maio proximo.

Theatro. — Espera-se hoje a companhia nacional, que já aqui esteve, e que tem funcionario no theatro de S. Geraldo, em Brága. Temos por consequente de gosar algum tempo de recreio honesto no theatro, para o que se tem promovido uma assignatura, que, segundo nos consta, já está prehenchida.

A companhia tem mais numerosa, e traz fazendo parte d'ella a festejada actriz Gertrudes, e outros actores de nome.

Quaresma. — Principiam na semana passada os exercícios de penitência que todos os annos se costumam fazer por este tempo nas igrejas do Campo da Feira e de S. Francisco.

Ora sexta feira no Campo da Feira o ill.^{mo} e rd.^{mo} sr. padre Figueiredo, illustrado mestre de latim na villa de St.^o Thyrso. S. s.^a n'um bem elaborado discurso sobre a caridade evangelica, cujo fim era, segundo as palavras do seu thema — *charitas adimpleatur* — inocular nos animos dos seus ouvintes o proposito de seguir esta excellente virtude christã, revelou muitos e excellentes dotes oratorios, variadissima ligão da historia e succollenta leitura dos melhores apologistas do christianismo, e panegyristas d'esta rainha e mãe de todas as virtudes.

Domingo, principiam em S. Francisco as conferencias doutrinaes a que todos os annos concorre a maior parte da população d'esta cidade.

No fim d'ellas, e a uma saiz, todos os domingos uma premissão, em que se fazem exercicios de penitencia, e que percorre as principaes ruas da cidade.

Amanha é orador no Campo da Feira o ill.^{mo} e rd.^{mo} sr. padre Sebastião José Leite.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

REVISTA AGRONOMICA

A *Revista Agronomica* publica-se a 10 e 15 de cada vez, em brochura de 24 paginas, ornada com as gravuras necessarias para a intelligencia do texto.

Recebem-se assignaturas para este periodico em Lisboa — no escriptorio da *Revista Agronomica*, rua dos Poyaes de S. Bento n.º 110, 1.º andar — nas lojas de livros do sr. Lavado rua Augusta n.º 31 e 33 na do sr. Silva, Praça de D. Pedro; em Valença, no escriptorio da «Voz do Minho»; em Vianna, no escriptorio da «Aurora do Lima» sendo:

Por um anno 25000
Por seis mezes 15000
Por tres mezes 500

As assignaturas são pagas aciantadas. A despeza das estampilhas é feita pela empresa. As correspondencias, communicações, etc., deverão ser edviadas ao escriptorio do jornal, francas de porte.

BIBLIOTECA RURAL

OU COLLEÇÃO DE OBRAS DE AGRICULTURA

PUBLICADAS POR D. JOSÉ D'ALARCÃO

Portugal possui mui poucas obras d'este genero, e todavia não é menos agricola que Italia, Inglaterra, Alemanha e França, onde ellas abundam. As que por ali correm impressas e que se podem contar facilmente, são sobremodo deficientes, e não se achiam ao nivel dos conhecimentos actuaes.

Por estas razões, e sobre tudo por satisfazer aos desejos de alguns lavradores, vamos, não fazer traducções de tal ou tal tratado, mas com uma compilação do que houver de melhor nos tratados inglezes, allemaes, francezes, italianos e hespanhoes.

O trabalho que nos propomos é grande e todo cercado de espinhos; porém contamos com a nossa boa vontade e com o forte auxilio dos agricultores illustrados — para a levar a cabo.

Cada um dos ramos em que se subdivide a agricultura terão o seu tratado especial, com gravuras entrecaladas no texto.

Para a commodidade dos subscriptores — publicar-se-ha em folhas de 16 paginas, a 20 rs. cada uma — e a 15 rs. para os srs. assignantes da *Revista Agronomica* que pertenderem ser subscriptores da *Bibliotheca Rural*.

PREÇO DA ASSIGNATURA: — Por uma serie ou 50 numeros 15200 rs. — com estampilha 15450 rs. — 25 numeros 600 rs. — com estampilha 725 sr. — Folha avulsa 40 rs. — Anuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias de interesses particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador José Antonio de Faria e Silva.

Sahirão de 2 a 4 por semana. São pagas no acto da entrega, em Lisboa, — adiandadas, as que deverem de ser remetidas para as povincias.

Recebem-se assignaturas no escriptorio da *Revista Agronomica*, rua dos Poyaes de S. Bento n.º 110 1.º andar.

BIBLIOTHECA DAS DAMAS.

COLLEÇÃO DE ROMANCES ESCOLHIDOS, DEDICADA A'S SENHORAS PORTUGUEZAS E BRAZILLEIRAS.

Está no prelo para ser distribuido no presente mez, o n.º 1.º da 3.ª serie, que é o lindo romance, completo neste num

A MÃO CORTADA

ROMANCE MARITIMO

por HENRIQUE RIVIÈRE
TRADUSIDO LIVREMENTE

por JOSE FERNANDES RIBEIRO.

ARCHIVO JURIDICO.

PERIODICO MENSAL DE NOTICIAS JUDICIARIAS E LEGISLAÇÃO DE MAIS INTERESSE TANTO ANTIGA COMO MODERNA.

EDITOR — J. L. DE SOUSA.

Publicou-se o n.º 17 da 2.ª serie que contem:

Legislação sobre novos pesos e medidas e sobre o peso valor e toque da nova moeda d'ouro e prata, segundo o systema decimal;
Decreto de 18 de julho de 1855, que supprime os juizes ordinarios nas cabeças de comarca

Os srs. assignantes das ilhas dos Açores e mais possessões ultramarinas, que quizerem reformar a sua assignatura, podem fazel-o, mandando o importe em estampilhas de 25 ou de 50 reis. O preço da assignatura Archivo Juridico, tanto para o continente como para o ultramar, sendo enviado franco de porte, é o seguinte.

1.ª serie (dous volumes) 28880
2.ª « (n.ºs 1 a 24, inclusivè — 2 ditos) 25300

Para fora do Porto não se tomam assignaturas por menos de 12 numeros, que custam, com os portes a nossa custa 15440

Os numeros avulso para fora do Porto, sendo enviado pelo correu, e francos de porte, custam 150

Remettem-se a quem os pedir, em carta franca, enviando o seu importe em estampilhas.

Vende-se tambem nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Braga e Vianna.

O Aremvo troca com todos os jornaes politicos e litterarios, e annuncia todas as publicações de que lhe mandarem dous exemplares.

O *Archivo Juridico* além de um noticiario do que durante o mez, tiver occorrido de mais importancia, relativo ao fóro judiciario, publicará tambem em dia e de modo que se possam encadernar em separado — *Os Acordãos do Supremo Tribunal de Justiça* — e os do *Conselho d'Estado* — a contar do primeiro de Janeiro de 1863.

O numero 10 conterá uma *Colleção de resoluções do governo, na maior parte ineditas sobre diferentes duvidas respeitantes ás contribuições directas, seguida de um indice alphabet*

ANNUNCIOS.

O Padre Francisco José Vieira tem ainda alguns bilhetes da loteria a favor do Padre Santo Pio IX, o que faz publico para o bem da justa defesa do Successor de S. Pedro contra as tentativas da impiedade.

S. Pedro d'Azurey, Bom Retiro 18 de Fevereiro de 1863.

O Parocho F. J. Vieira.

AOS SNRS. FACULTATIVOS.

Na pharmacia de Antonio José Pereira Martins, encontram-se á venda---xarope de quina e ferro, dito peitoral de James, dito de Nafé, dito do dr. Forget e pilulas de Holloways. 29

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca e cartorio do escrivão Loureiro correm desde o dia 14 d'este mez cartas de editos de 2 mezes, pelos quaes são citados Antonio José Pereira e Manoel José Pereira, filhos de Anastacio José Pereira, moradores que foram na freguezia de S. Pedro da Riva d'Ave, comarca de Villa Nova de Famalicão, e ausentes em parte incerta no Imperio do Brazil, para na segunda audiência d'este Juizo, findo o dito prazo, que deve contar-se desde a sahida do primeiro paquete que seguir de Lisboa para aquelle Imperio, fallarem a um libello movel de divida a quantia de 200\$000 rs. e respectivos juros que a junta de parochia da dita freguezia vai tentar contra os ditos ausentes e seus irmãos e cunhado Antonia Maria Pereira e marido Antonio Monteiro e Joanna Pereira, maior de 12 e menor de 25 annos, da referida freguezia na qualidade de herdeiros do fiador seu paes tambem contra a originaria devedora D. Rita Pimenta d'Oliveira, José Salgado da Cruz e Freitas, ambos da casa de Pardelhas, freguezia de Guardoella, este tambem na qualidade de fiador. 30